

## O ESSENCIALISMO COMO MARCA DA NÃO-IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NO CONTO *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Alexia Fernanda Alves Godoi (PIC/CNPq/UEM), e-mail:  
ra106591@gmail.com; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érica Fernandes Alves (Orientadora), e-  
mail: efalves@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes/Maringá, PR.

### Letras / Línguas Estrangeiras Modernas.

**Palavras-chave:** Pós-Colonialismo, Literatura Afrodescendente, Conceição  
Evaristo

### Resumo

O presente trabalho possui natureza qualitativa bibliográfica e analisa como o essencialismo direcionado para a questão racial, de gênero e de classe impõe uma identidade ao sujeito feminino no conto *Maria*, de Conceição Evaristo, publicado em 2014, no livro *Olhos d'água*. Sendo assim, procurou-se compreender a composição da identidade da mulher negra e como o essencialismo impõe uma identidade a esse sujeito feminino de modo à objetificá-lo e silenciá-lo. O referencial teórico compõe-se nas discussões sobre pós-colonialismo e essencialismo, de Thomas Bonnici (2005), sobre identidade, de Stuart Hall (1992), sobre feminismo negro de Angela Davis (2016), dentre outros. A pesquisa se justifica, primeiramente, por Conceição Evaristo ser uma escritora negra e contemporânea, além de pertencer ao contexto pós-colonial e transmitir, por meio de seus escritos, a realidade vivida pelas mulheres negras no país hoje, como herança do pós-colonialismo, o que certamente contribui para os estudos e discussões sobre o pós-colonialismo no Brasil.

### Introdução

Examinar como o essencialismo relacionado à questão racial, enquanto classificação social, e à questão de gênero e de classe impõe uma identidade ao sujeito no conto *Maria*, de Conceição Evaristo, é o objetivo geral do presente trabalho de caráter qualitativo e bibliográfico. Para o amparo das discussões, o aporte teórico utilizado baseia-se nos postulados da teoria Pós-Colonial, nos estudos sobre a identidade do sujeito, no essencialismo, no feminismo negro e no conceito de subalternidade. O trabalho com o conto de Conceição Evaristo é pertinente, pois se insere no contexto pós-colonial e se trata de uma escrita marginal que tem ganhado cada vez mais espaço dentro dos estudos acadêmicos, mas que ainda se

mostra um amplo e aproveitável campo de análise. O texto referido aborda assuntos que estão presentes na teoria pós-colonial, como os aspectos raciais, de gênero e de classe, tendo em vista que a personagem principal, Maria, é interpelada por um discurso racista e é tratada como criminosa por conta de sua cor e condição social, além de ser objetificada devido a seu gênero. O essencialismo é a causa do apagamento da sua identidade. O conto versa também sobre o feminino, identidade cultural e identidade do sujeito. Além disso, por se tratar de uma escritora afrodescendente e contemporânea, que produz uma escrita marcada pela resistência e pela crítica social no contexto atual, a obra de Evaristo tem valor significativo para a Literatura Brasileira e principalmente para a Literatura afrodescendente.

### **Materiais e métodos**

Este trabalho de cunho qualitativo e bibliográfico teve como *corpus* de análise o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos d'água* (2014). O estudo recaiu sobre a composição da identidade ou não-identidade da figura feminina e personagem principal, Maria, a fim de compreender como a identidade do sujeito pode ser imposta socialmente a partir de estereótipos que são comumente difundidos historicamente. Ancorando-se nas discussões sobre pós-colonialismo, identidade, essencialismo e feminismo negro.

### **Resultados e Discussão**

O essencialismo pressupõe uma forma de espelhar a realidade impondo aspectos invariáveis e fixos aos seres e grupos de determinada esfera social, negando completamente as diversidades e reduzindo as pessoas a um estereótipo que é instituído historicamente e que marginaliza o que é considerado diferente. O que de certa forma reforça o poder do colonizador em face do colonizado. O escrito de Conceição Evaristo permite o reconhecimento do essencialismo voltado a três frentes, relacionado à questão de classe, de gênero e de raça, todos esses três eixos atravessam a personagem Maria, com o objetivo de objetificá-la, rebaixá-la e silenciá-la.

Ao associar o essencialismo a questão de classe, percebe-se que a profissão de empregada doméstica exercida por Maria, uma mulher negra, é estigmatizada socialmente e destinada somente a pessoas não brancas e do sexo feminino, o que evidencia os vestígios deixados pela escravidão, de acordo com Davis, apesar do fim da escravatura, “a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos” (DAVIS, 2016, p. 98). O papel social exercido pela personagem e o fato de ela ser pobre, como exposto no trecho: “Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (EVARISTO, 2014, p. 39), são fatores utilizados para rebaixá-la.

Além disso, outro aspecto a que o essencialismo se relaciona é ao gênero, ou seja, a composição da figura feminina que historicamente foi construída apresentava a mulher como inferior ao homem, de forma a objetificá-la e torná-la subalterna. A personagem Maria é objetificada devido ao seu gênero quando encontra seu ex companheiro no ônibus e ele lhe pergunta de suas relações com outros homens. Depois, quando os passageiros do ônibus que foi assaltado percebem que a mulher conhecia os assaltantes, referem-se a ela como “puta safada”, como visto no excerto: “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (EVARISTO, 2016, p. 41), com o intuito evidente de inferiorizá-la.

Por isso, é notável a dupla colonização da mulher; primeiro, enquanto sujeito subalterno por sua classe e, segundo, por seu gênero, desta forma “requer-se, portanto, levar em consideração a dupla colonização, à qual foram submetidas, oriunda da discriminação geral como sujeitos colonizados e a discriminação delas como mulheres” (BONNICI, 2005, p. 28). Outrossim, há ainda uma terceira colonização, segundo Spivak, “Evidentemente se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p. 110), logo esse sujeito não tem direito a fala ou a defesa, “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85).

No que se refere ao essencialismo voltado para questões raciais, historicamente foi construída a figura do sujeito não branco como inferior, escravo, subalterno e marginal, reforçando a superioridade branca em detrimento, principalmente, do negro e do índio. Essa relação é visível no trecho: “A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!” (EVARISTO, 2016, p. 42), em que os passageiros do ônibus relacionam à cor da protagonista a criminalidade e ela punida sem direito defesa, como visto no trecho: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 42), fato que revela o racismo estrutural e institucional na figura dos passageiros do ônibus.

Dessa forma, a identidade de Maria é reduzida a um mero estereótipo e a preconceitos que foram se engendrando durante a história. Assim, seguindo os postulados de Hall (1992), observa-se que a identidade de Maria é composta pelo viés do segundo descentramento, que é ancorado no pensamento marxista. Sobre esse descentramento, Hall afirma que “homens fazem a sua história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 1992, p.34), sendo assim, o sujeito não é senhor e criador de sua própria história, visto que está submetido a padrões que são históricos e pré-estabelecidos. Por isso, a vida de Maria é reduzida a nada e seu assassinato é visto como algo corriqueiro, pois sua identidade ou não-identidade está totalmente enviesada pelos padrões sociais que foram construídos no decorrer do tempo.

## Conclusões

É perceptível a maneira que o essencialismo, através de estereótipos, rótulos e preconceitos, impõe e determina uma identidade ao sujeito feminino, do conto *Maria*, que é historicamente engendrada. A personagem não é dona da própria história, muito menos é capaz de construí-la; encontra-se, na verdade, refém de uma identidade que lhe é imposta e que está relacionada à sua classe social, gênero e cor, o que marca a sua não-identidade. Além disso, o racismo estrutural e institucionalizado corroboram o seu silenciamento e apagamento. Por isso, o texto de Evaristo propicia a discussão acerca da composição da identidade do sujeito.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Deus pelas oportunidades obtidas durante a caminhada acadêmica. Agradeço também à minha orientadora, Érica Fernandes Alves, pelo incentivo, total auxílio e respeito, atributos que contribuíram grandemente para minha formação profissional, e a Universidade Estadual de Maringá.

## Referências

BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005, p. 28;

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 98;

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 39-42;

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Cuacira Lopes Louro, décima primeira edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.34;

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 85-110.